

Auditório da Reitoria

Cerimônia de Colação de Grau dos concluintes do CCHLA-UFPB

Dos cursos de História, Filosofia, Ciências Sociais, Mídias Digitais.

27 de novembro de 2018 – 17hs

Discurso panegírico do paraninfo das turmas.

CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE

È com muita honra e, ao mesmo tempo, preocupação que aceitei o convite para pronunciar o discurso panegírico dos concluintes das turmas de Filosofia, Ciências Sociais, História, e Mídias Digitais do CCHLA.

O termo panegírico vem do grego e significa o discurso que se fazia em cerimônia festiva para homenagear alguém, e no caso de Roma, o discurso encomiástico que o cônsul pronunciava diante do Imperador.

Não é o nosso caso! Mas a persistência da palavra no tempo indica uma conexão com uma tradição antiga, e tem a ver com o tema que quero desenvolver hoje: a relação entre civilização e barbárie.

Civilização vem do latim *civitas* (cidade), entendido como o lugar onde a civilização e a civilidade podem progredir ao contrário do campo, onde ela não possui as condições para vingar.

Há duas maneiras, bastantes distintas e antagônicas, de ver esta relação entre a civilização e a barbárie.

Num primeiro sentido, civilização é colocada em antítese e contraposta à barbárie, como sendo a primeira o polo positivo e a segunda o polo negativo.

Pensamos por exemplo ao modelo contratualista de Hobbes e do jusnaturalismo moderno: a civilização é a saída, através do pacto social, do estado de natureza, um estado em que **“a vida do homem é solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta”**.

Portanto tudo aquilo que é válido para um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, o mesmo é válido também para o tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força e sua própria invenção. Numa tal situação não há lugar para a indústria, pois seu fruto é incerto; conseqüentemente não há cultura da terra, nem navegação, nem uso das mercadorias que podem ser importadas pelo mar; não há construções confortáveis, nem instrumentos para mover e remover as coisas que precisam de

grande força; não há conhecimento da face da Terra, nem cômputo do tempo, nem artes, nem letras; não há sociedade; e o que é pior do que tudo, um constante temor e perigo de morte violenta. **E a vida do homem é solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta.**¹

Nesse estado de natureza não pode haver progresso e civilização, devido à liberdade absoluta de cada um que gera a guerra de todos contra todos. Só o Estado civil garante a paz e a ordem que permitem o progresso civilizacional da humanidade. Neste ponto também Hegel, que é um crítico do jusnaturalismo e do contratualismo, e o iniciador da tradição historicista, está de acordo com Hobbes: do estado de natureza (ou de barbárie) só podemos dizer uma coisa: que dele é preciso sair.

Neste sentido podemos citar o grande livro de Norbert Elias: *O processo civilizatório*, que mostra com numerosos exemplos históricos como a violência, em particular os homicídios, diminuíram durante os séculos devido a três fatores principais: a criação do Estado hobbesiano, do Leviatã; a difusão dos comércios e as especializações nas profissões e a mudança psicológica em direção a um maior autocontrole social e dos comportamentos públicos, a partir da “etiqueta” que como diz a palavra é uma pequena ética, aparentemente insignificante, mas muito importante para disciplinar os costumes “bárbaros” e incívicos.

Outro aspeto relevante estudado por Elias foi a retirada da violência do espaço público a proibição das execuções em praça públicas e de mostrar a os atos de violência e de morte... Em suma uma domesticação do animal, do bárbaro que está em nós, e que vicejava e vigorava na Idade Média e que mudou com um longo processo de progresso civilizatório de oito séculos, sempre precário e ameaçado, mas real.

O psicólogo e neurocientista canadense Steven Pinker é uma dos maiores defensores desta concepção emancipadora ou emancipatória da civilização, naquele livro com mais de mil páginas intitulado: *Os anjos bons da nossa natureza*, que defende a tese paradoxal de que “A violência diminuiu”, paradoxal porque vai literalmente contra a *doxa*, a opinião comum de que a violência não só não diminuiu, mas aumentou²

Outra leitura da relação entre civilização e barbárie é aquela em que os dois termos não são dissociados, mas incluídos em um único processo em que a barbárie é constitutiva da própria civilização, concepção expressa de forma magistral pela famosa máxima do filósofo alemão Walter Benjamin:

Na tese 7 do ensaio *Sobre o conceito de História* Walter Benjamin escreve:

¹ HOBBS, Leviatã, cap. XIII. *Da condição natural da humanidade relativamente à sua felicidade e miséria*

² PINKER, Steven. *Os Anjos Bons da nossa natureza*. Porque a violência diminuiu. São Paulo: companhia das Letras, 2013.

“Nunca houve um monumento de cultura que também não fosse um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”.³

Comenta Marilena Chaui:

Benjamin situa a barbárie no interior da cultura e da civilização, recusando a dicotomia tradicional, que localiza a barbárie no outro e a situa no exterior. Pelo contrário, a tese de Benjamin coloca a barbárie não só como o avesso necessário da civilização, mas como o pressuposto dela, como aquilo que a civilização engendra ao produzir-se a si mesma como cultura. O bárbaro não está no exterior, mas é interno ao movimento de criação e transmissão da cultura, é o que causa horror àquele que contempla o cortejo triunfal dos vencedores pisoteando os corpos dos vencidos e conhece o preço de infâmia de cada monumento da civilização⁴.

Sempre penso nisso quando admiro os grandes monumentos deixados pela história: quanto trabalho forçado, trabalho escravo foi necessário para construir as pirâmides, o coliseu, os estádios, as estradas, as termas, os engenhos, as usinas, etc...

A inspiração original desta tese vem de Marx que considerava a história até agora vivida pela humanidade como uma pré-história dominada pela violência do homem sobre o outro homem, do opressor sobre o oprimido, da luta de classe, todos fenômenos inerentes aos modos de produção: a violência como constitutiva do progresso e das relações humanas, em todas as épocas da humanidade (talvez com exceção da comunidade primitiva) até o modo de produção capitalista.

Outro pensador que enfrenta este problema é Immanuel Kant, o maior filósofo iluminista⁵. Kant se pergunta se a humanidade progrediu não somente tecnicamente, mas moral, jurídica e politicamente. Essa pergunta se deve à preocupação de Kant e outros filósofos no século XVIII com o acirramento dos conflitos e das guerras que se tornavam sempre mais destruidoras devido aos progressos técnicos dos armamentos.

Kant no famoso opúsculo *Sobre a paz perpétua*⁶ afirma que um progresso efetivo da humanidade de tipo moral e jurídico e não somente técnico seria o fim das guerras e o estabelecimento de uma paz que não fosse uma trégua entre duas guerras, mas uma paz definitiva, perpétua; paz perpétua que, até agora, ela anotava ironicamente, havia sido somente a paz dos cemitérios!

³ Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In Walter Benjamin - Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

⁴ CHAUÍ, Marilena. *Civilização e Barbárie*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁵ KLEIN, J. T. Kant sobre o progresso na história. *Ethic@* - Florianópolis v.12, n.1, p. 67 – 100, Jun. 2013.

⁶ KANT, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 2004.

Quantas guerras, quantos sofrimentos: por que a humanidade até hoje não encontrou uma solução pacífica aos conflitos, mas tem que conviver com a violência do homem sobre o homem, e agora do homem sobre a natureza; parece que nunca chegaremos a uma história verdadeiramente humana em que a violência seria eliminada ou pelo menos controlada; como aconteceu em certas épocas e lugares conforme o relato de Norbert Elias.

Nesta segunda maneira de entender a relação entre civilização e barbárie, a barbárie não é separada, mas inerente à própria civilização: pensamos ao que ocorreu entre as duas guerras mundiais, aos totalitarismos de esquerda e direita, aos milhões de mortos, aos genocídios dos hebreus e dos povos inferiores, à bomba atômica... Tudo isso aconteceu no coração da “civilizada” Europa, na Espanha em Portugal, na Itália, na Alemanha que foram o berço da revolução científica, política, artística que criaram grandes civilizações.

Mas pensamos também a algo mais próximo da nossa história, ao processo “civilizador” da conquista da América na modernidade.

Hegel foi um dos grandes defensores da primeira maneira de entender a relação entre civilização e barbárie; para ele o Estado é o fator de civilização contraposto à barbárie da condição primitiva do homem. A civilização a humanidade propriamente dita só aparece na história no momento em que se funda o Estado, momento em que os homens saem da sua pré-história e começam a história humana. Em Hegel barbárie e civilização estão bem distintas e contrapostas e a Europa é o centro que irradia a civilização para o mundo. Vejamos o que diz a respeito da América:

Da América e de seu grau de civilização, especialmente no México e Peru, temos informação a respeito de seu desenvolvimento, mas como uma cultura inteiramente particular, que **expira** no momento em que o Espírito se aproxima dela... A inferioridade destes indivíduos é, em tudo, inteiramente evidente.⁷

Comenta esta frase no seu livro *1492 O encobrimento do outro* o historiador e filósofo argentino Enrique Dussel:

A civilização moderna se autocompreende como mais desenvolvida, superior (o que significa sustentar sem consciência uma posição ideologicamente eurocêntrica). A superioridade obriga, como exigência moral, a desenvolver os mais primitivos, rudes e bárbaros. O caminho do referido processo educativo de desenvolvimento deve ser o seguido pela Europa [...]. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer, em ultimo caso, a violência, se for necessário para destruir os obstáculos de tal modernização (a guerra justa colonial). Esta dominação produz

⁷ HEGEL, G. F. W. *Filosofia da História*. Brasília: Editora UnB, 1995.

vítimas, violência que é interpretada como um ato inevitável, e como o sentido quase ritual do sacrifício [...]. Para o moderno, o bárbaro tem uma “culpa” (o fato de se opor ao processo civilizador) que permite que a Modernidade se apresente não só como inocente, mas também como “emancipadora” dessa “culpa” e das próprias vítimas. Por último, e pelo caráter civilizatório da modernidade, são interpretados como inevitáveis os sofrimentos e sacrifícios (os custos) da “modernização” dos outros povos “atrasados” (imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser fraco, etc..⁸.

Poderíamos continuar esta discussão, mas vamos voltar ao objeto da nossa cerimônia de hoje.

O que tem a ver a civilização e barbárie com a formatura do historiador, e filósofos, cientistas sociais, dos operadores de mídia? Tem tudo a ver.

Primeiro porque precisamos conhecer e frequentar essa história, não deixar cair no esquecimento porque quem esquece o que aconteceu é destinado a repetir os erros do passado.

Segundo porque, como dizia o filósofo italiano Benedetto Croce, “toda história e história contemporânea”: somos nós, os vivos que contamos a história (no sentido de historiografia) a partir das nossas necessidades e problemas: há um constante debate interpretativo sobre a história que precisamos enfrentar.

Baste pensar agora, nessa campanha eleitoral, ao debate sobre a ditadura militar brasileira, que não é mais uma ditadura, mas um “movimento”, que devemos comemorar e não condenar, em que os torturadores de ontem se tornam os heróis de hoje!

Terceiro porque estamos aqui nesta cerimônia para assumir solenemente um compromisso de que atuaremos, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, como bons profissionais e como bons cidadãos, para diminuir a violência e a barbárie da nossa civilização excludente, violenta, desigual, misógina, racista, homofóbica, onde a barbárie está instalada e justificada ideologicamente.

Mas é preciso também lembrar que a nossa história não é só isso, e que a herança do passado não é um destino inevitável que nunca vai mudar: a história brasileira, talvez não seja a do homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda (tão criticado por Jesse Sousa), nem da mistura e miscenização racial de Gilberto Freyre, mas a de Darcy Ribeiro em *O processo civilizatório*, e *A América e a*

⁸ DUSSEL, Enrique. 1492. *O enconbrimento do outro*. A origem do mito da modernidade. Petrópolis; Vozes, 1993, p. 185.

*Civilização*⁹, que mostra de um ponto de vista antropológico e histórico as luzes e sombras e abre as possibilidades de mudar esta história.

A universidade forma profissionais e cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres: é esse o compromisso solene que nos todos os professores e alunos e funcionários estamos assumindo diante das nossas famílias, do nosso país que vai entrar em um período de graves turbulências nesta atual conjuntura política e social.

Vocês historiadores terão muito trabalho para resgatar a memória e a verdade histórica contra os negacionismos; vocês cientistas políticos, para identificar as causas da violência que assola o nosso país e atinge os mais vulneráveis; vocês (nós) os filósofos para enfrentar a batalha ideológica pela hegemonia cultural em defesa da democracia e dos direitos humanos; vocês operadores das mídias digitais para combater as *fake news* e as manipulações da opinião pública.

Precisamos estar preparados para um embate ideológico muito forte, sem cair na tentação de fazer da cátedra um palanque político ou um púlpito religioso, mas também sem a ilusão de uma neutralidade axiológica impossível, garantindo o pluralismo ideológico, o debate das ideias, e a defesa intransigente dos valores da democracia e dos direitos humanos que são os alicerces da nossa Constituição e do nosso Pacto Social.

E queria a concluir com um texto que escrevi há algum tempo sobre os direitos humanos na atual conjuntura, pedindo que fosse lido pelos concluintes Juliana da Silva Barros de História, e Edney José Farias de Araújo de Filosofia, que agradeço imensamente.

Parabéns para todos os formandos, muito sucesso na vida e na profissão: o país precisa de vocês!

Obrigado

João Pessoa, UFPB, 27 de Novembro de 2018.

Prof. Giuseppe Tosi,

⁹ Darcy Ribeiro. *As Américas e a civilização*. Petrópolis: Vozes, 1979.